



## RELAÇÕES LITERÁRIAS ENTRE PARAGUAI E BRASIL: AS LEITURAS DE JOSEFINA PLÁ SOBRE POESIA BRASILEIRA

*RELACIONES LITERARIAS ENTRE PARAGUAY Y BRASIL: LAS  
LECTURAS DE JOSEFINA PLÁ SOBRE LA POESÍA BRASILEÑA*

*LITERARY RELATIONS BETWEEN PARAGUAY AND BRAZIL:  
JOSEFINA PLÁ'S READINGS ON BRAZILIAN POETRY*

*Daiane Pereira Rodrigues*<sup>1</sup>   
Universidade Federal de Paraná, Brasil

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de visibilizar as relações entre Paraguai e Brasil ocorridas na década de 1950 com a publicação de ensaios de Josefina Plá (Espanha, 1903 – Paraguai 1999) sobre literatura brasileira no jornal *La Tribuna* de Assunção. Em um primeiro momento, apresento uma contextualização da autora na literatura paraguaia; posteriormente, faço uma análise geral dos textos da série “Interpretando al Brasil”, publicados entre 1952 e 1953, destacando a importância desses ensaios para o entendimento da vanguarda paraguaia e as escolhas estéticas e ideológicas de Josefina Plá; e, finalmente, analiso os textos sobre poesia sob o ponto de vista dos estudos feministas de tradução, visando repensar o arquivo literário latino-americano a partir da publicação de mulheres tradutoras. Demonstra-se que Josefina Plá possui importantes colaborações à crítica de tradução, assim como para a crítica literária latino-americana.

**Palavras-chave:** Josefina Plá; Estudos feministas de tradução; Ensaio latino-americano; Crítica literária; Relações Paraguai-Brasil.

**Resumen:** Esta investigación tiene el objetivo de visibilizar las relaciones entre Paraguay y Brasil ocurridas en la década de 1950 con la publicación de ensayos de Josefina Plá (España, 1903 - Paraguay, 1999) sobre literatura brasileña en el diario *La Tribuna* de Asunción. En un primer momento,

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Paraná. E-mail: [pereirarodriguesdaiane@gmail.com](mailto:pereirarodriguesdaiane@gmail.com)

presento una contextualización de la autora en la literatura paraguaya; posteriormente, analizo en líneas generales los textos de la serie “Interpretando al Brasil”, publicados entre 1952 y 1953, destacando su importancia para el entendimiento de la vanguardia paraguaya y las elecciones estéticas e ideológicas de Josefina Plá; al final, analizo más detenidamente los textos sobre poesía desde la perspectiva de los estudios feministas de traducción, con el objetivo de repensar el archivo latinoamericano con la publicación de mujeres traductoras. Se demuestra que Josefina Plá tiene importantes aportes a la crítica de traducción, así como a la crítica literaria latinoamericana.

**Palabras-clave:** Josefina Plá; Estudios feministas de traducción; Ensayo latinoamericano; Crítica literaria; Relaciones Paraguay-Brasil

**Abstract:** This work aims to highlight the relations between Paraguay and Brazil that took place in the 1950 by analyzing essays published by Josefina Plá (Spain, 1903 – Paraguay, 1999) about Brazilian literature in the newspaper *La Tribuna de Assunção*. At first, I present a contextualization of the author in Paraguayan literature; then, a critical overview of the series “*Interpretando al Brasil*”, published between 1952 and 1953, emphasizing the importance of these essays for the understanding of Paraguayan avant-garde in addition to the aesthetic and ideological choices of Josefina Plá. Finally, I analyse the texts about poetry considering the feminist translation studies and aiming to rethink the Latin American literary archive based on the publication of women who translate. We observe, therefore, Josefina Plá’s important contributions to both translation and Latin American literary criticism.

**Keywords:** Josefina Plá; Feminist translation studies; Latin American essay; Literary criticism; Paraguay-Brazil relations.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200099](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200099)

Recebido em: 14/07/2022  
Aprovado em: 04/10/2022  
Publicado em: 12/10/2022

## 1 Introdução

No VII Congresso de Hispanistas de Salvador em 2012, a escritora e crítica literária chilena Ana Pizarro<sup>2</sup> falou do pouco acesso que teve à literatura brasileira durante a infância e juventude. Ela narrou as

---

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade de Paris, é professora da Universidade de Santiago do Chile. É uma das principais críticas literárias latino-americanas. Organizou na década de 1990 a coleção *América Latina: palabra, literatura y cultura*, da qual também participaram Antônio Cândido, Walter Mignolo e outros intelectuais destacados.

lembranças de leitura das obras de Monteiro Lobato e Jorge Amado e destacou a distância entre Brasil e os países hispano-americanos devido à ausência de traduções. Por outro lado, o crítico Vamireh Chacon<sup>3</sup> (2010) mostra que no campo do ensaio houve um importante diálogo entre nossos países desde José Inácio de Abreu e Lima, único brasileiro no exército de Bolívar no século XIX, até os dias de hoje. Chacon faz um breve histórico das relações entre Brasil e os países hispânicos, porém, é notável a ausência quase total de mulheres ensaístas em sua análise. Nélide Piñón<sup>4</sup> e Bella Josef<sup>5</sup> são apenas mencionadas, já que o brasileiro se concentra nos clássicos como Sarmiento, Jorge Luis Borges e Gilberto Freyre. Fica o questionamento sobre outras mulheres<sup>6</sup> que poderiam estar em sua análise.

Nesse contexto de pouco diálogo entre Paraguai e Brasil, Josefina Plá (ver figura 1) aparece como um nome indispensável. A autora, que foi uma das protagonistas dos grupos de vanguarda no país vizinho, escreveu nos anos 1950 uma série sobre literatura e outras artes como arquitetura, música e dança do Brasil que merece ser destacada. Tornar acessível esses textos foi um dos meus objetivos em *Modernidade e arquivo em Josefina Plá: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira* (2018), cuja pesquisa continua a ser desenvolvida no doutorado em Letras na Universidade Federal do Paraná. O presente artigo apresenta algumas conclusões ou questionamentos iniciais, dividindo-se em três partes: primeiramente se dá a conhecer a produção da autora no contexto da cultura paraguaia; depois são analisados alguns textos que formam parte do corpus de ensaios<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> Advogado, político e escritor brasileiro. É professor do Centro Universitário de Brasília e membro da Academia Pernambucana de Letras.

<sup>4</sup> Escritora, é uma das apenas seis mulheres que integram a Academia Brasileira de Letras.

<sup>5</sup> (1926 – 2010) Crítica literária, foi professora da UFRJ e considerada por muitos anos a maior especialista em literatura hispano-americana no Brasil.

<sup>6</sup> No Paraguai alguns nomes importantes do ensaio, além de Josefina Plá, são Serafina Dávalos (1883 - 1957), primeira advogada paraguaia, cuja obra *Humanismo* (1907) continua sendo referência para o feminismo e os direitos das mulheres no país; Maribel Barreto (1936), doutora em Letras, contista, romancista e crítica literária, foi professora no curso de Letras da Universidade Nacional de Assunção; Teresa Méndez-Faith, doutora em Filosofia e Letras pela Universidade de Michigan, crítica literária, professora de literatura latino-americana no Saint Anselm College, da Universidade Católica do Nordeste estadunidense; Renée Ferrer (1944), doutora em História pela Universidade Nacional de Assunção, crítica literária, romancista, contista e poeta; Adriana Almada, crítica de arte, presidente atual da Associação Internacional de Críticos de Arte no Paraguai.

<sup>7</sup> No âmbito da crítica literária brasileira se costuma classificar a produção que circulou em jornais nos anos 1950 como crítica de rodapé, mas nos estudos de literatura hispano-americana é mais comum analisar como parte da profícua tradição do ensaio latino-americano, cujos textos têm as características destacadas por autores como

sobre o Brasil para dar uma ideia geral de todo o conteúdo da série; e, finalmente, especificam-se os textos sobre poesia, enfocando as afinidades literárias e o trabalho de tradução de Josefina Plá.

**Figura 1:** Josefina Plá nos anos 1950, época de publicação dos ensaios



FONTE: PEREIRA RODRIGUES, Daiane **La imposible ausente:** Biografía de Josefina Plá. Fundación Maria Paula de Ruíz Martínez, OEI e Fundación Biblioteca Virtual Cervantes. Buenos Aires, 2020. p. 72.

## 2 Josefina Plá e a literatura paraguaia

Josefina Plá nasceu na Isla de Lobos, Espanha, em 1903, e cresceu entre livros da biblioteca da família e brincadeiras nas areias das praias em que trabalhou seu pai faroleiro. A profissão do pai fez com que ela crescesse sem arraigo, entre uma ilha e outra, e também um pouco solitária, até o nascimento dos irmãos. Por essa razão ela fez seus estudos escolares de forma livre, sem frequentar escolas. Assim, aprendeu a ser autodidata e na adolescência já havia lido autores como Victor Hugo, Flaubert, Júlio Verne, entre outros. Em 1924, conheceu, em Villajoyosa, o artista paraguaio Andrés Campos Cervera (Assunção, 1888 – Valencia, 1937) e as coincidências de interesses artísticos e literários foram imediatas. Dois anos depois, Josefina se casa com ele e vai morar no Paraguai, primeiro em uma quinta nos

---

BENSE (2004) e OVIEDO (1991): presença simultânea de análise e intuição, exposição e metáforas, objetividade e subjetividade. Portanto é um gênero híbrido e camaleônico, porque se radica entre a poesia e a prosa, entre criação e tendência, entre o estético e o ético (...) oferecendo uma realidade concreta e auto expressiva, transformando-se em uma realidade literária. Discuto melhor essa questão em trabalho anterior (PEREIRA RODRIGUES, 2018).

limites da capital e depois em pleno centro de Assunção, onde viveu até sua morte em 1999. Desde o momento de sua chegada ao país, Plá colaborou com os principais jornais, como jornalista, poeta e gravurista. Também aprendeu com o marido a técnica de cerâmica e o trabalho conjunto do casal resultou em uma série de peças com motivos indígenas e populares. Mais tarde, com Laterza Parodi<sup>8</sup>, também seria uma muralista importante, ilustrando edifícios públicos e privados, como o prédio do Instituto de Previdência Social e o Teatro Municipal de Assunção.

Em 1934, Josefina e o marido retornam à Espanha para se especializarem na técnica de cerâmica em Manises. Mas em 1938 Josefina voltaria sozinha da viagem devido à morte do marido durante a Guerra Civil Espanhola, no ano anterior. A partir desse momento, Plá começa uma profícua pesquisa sobre o Paraguai e suas manifestações culturais, são conhecidos seus trabalhos nos campos dos estudos sociais, históricos e críticos da arte. Desse último, é considerada precursora, sendo quem fundou a seção paraguaia da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA)<sup>9</sup>.

Além de ter sido a primeira mulher diretora de redação em um jornal e a fundadora de áreas como a já mencionada crítica de arte<sup>10</sup>, Josefina foi uma das figuras importantes dos processos de renovação da literatura e das artes a partir dos anos 1940. É nessa época que ela, junto com o sobrinho Hérib Campos Cervera<sup>11</sup>, inicia um processo consciente de renovação das estéticas literárias, fomentando a poesia nova através do *Grupo Vy'a Raity*<sup>12</sup>. Também estende suas inquietações de modernidade às artes plásticas, criando o *Grupo Arte Nuevo*. A análise que ela faz de outros

---

<sup>8</sup> (1915-1981) pintor e escultor paraguaio com relevância no processo de modernidade. Fez várias obras em colaboração com Josefina Plá, inclusive participando com ela na Bienal de São Paulo de 1953, quando ganharam o Prêmio Arno na exposição.

<sup>9</sup> A AICA Paraguai é uma seção federada à AICA Internacional (organização não governamental com sede em Paris, fundada em 1950 pela UNESCO com o objetivo de promover a livre expressão da crítica de arte e propiciar a diversidade de seu exercício). Alguns objetivos da AICA são promover a crítica e teoria da arte, promover prêmios literários, facilitar a formação e o intercâmbio de artistas, promover eventos e exposições, entre outros.

<sup>10</sup> Sobre as primícias de Josefina Plá e outros dados biográficos ver Pereira Rodrigues (2020).

<sup>11</sup> (Assunção, 1905 – Buenos Aires, 1953, foi um dos poetas de maior relevância do Modernismo paraguaio. Seu poema “Un puñado de tierra” é uma das principais obras para o estudo da expressão do exílio na literatura.

<sup>12</sup> “Ninho de alegria” em guarani. Grupo que reuniu os escritores Augusto Roa Bastos, Juan Ezequiel González Alsina, Oscar Ferreiro, Elvio Romero e Josefina Plá em meados dos anos 1940 com o objetivo de renovar a literatura nacional.

escritores como Mário de Andrade pode ser bastante elucidativa para entender a modernidade paraguaia, já que Plá é uma de suas protagonistas<sup>13</sup>. Vejamos a partir de agora o conteúdo desses textos.

### **3 Josefina Plá lê os brasileiros**

Apesar da diplomacia cultural que o Centro de Estudos Brasileiros em Assunção mantém há várias décadas, a divulgação de literatura brasileira não tem contado com edições de grande circulação, mesmo com os editais de tradução da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, talvez pela pouca importância do mercado editorial paraguaio no âmbito internacional. O que há nas livrarias paraguaias são edições de Paulo Coelho e José Mauro Vasconcelos, nem mesmo as traduções de Jorge Amado se encontram facilmente como em outros países como a Argentina. Mas, no âmbito da imprensa, na década de 1950 circulou em *La Tribuna*, o principal jornal de Assunção na época, toda uma série sobre literatura e cultura brasileira assinada por Josefina Plá que, embora não apresentasse traduções de obras completas, ajudou a difundir nossa literatura no país vizinho e deu a conhecer algumas edições de traduções disponíveis na época. Na série de textos, há um extenso panorama literário do Brasil, incluindo traduções de Josefina e outros tradutores. Foi mais de um ano de colaboração de Plá acerca do estudo do Brasil através de uma série de publicações que se intitulou “Interpretando al Brasil” e dividiu-se em três grandes campos temáticos: literatura, arquitetura religiosa e danças populares.

Em um dos primeiros textos da série, Josefina Plá comenta a distância entre Brasil e a América hispânica em geral, principalmente o Paraguai, distância que, em alguma medida, ainda permanece na atualidade:

---

<sup>13</sup> Sobre a vanguarda paraguaia, ver Pereira Rodrigues (2018) capítulo 3.

Desse enorme - não só em dimensões materiais, mas também em valores humanos e estéticos - volume lírico só uma parte relativamente pequena [da poesia brasileira] é conhecida no exterior. Vamos pegar o Paraguai como exemplo. Fora o ensaio de aproximação que o delicado poeta Alejandro Guanes fez de Olavo Bilac, com suas traduções tão refinadas, o que foi feito [no país] nos últimos trinta anos para se aproximar desse grande feito espiritual que é a poesia brasileira? (PLÁ, 1952a, tradução minha)<sup>14</sup>.

Josefina Plá faz essa observação nos anos 50, década na qual, segundo a historiadora e crítica de arte da Universidade de São Paulo, Margarida Nepomuceno (2011), o Brasil intensificou sua política diplomática cultural no Paraguai, o que gerou grandes contribuições binacionais. É nessa época que o artista Lívio Abramo (São Paulo, 1903 – Assunção, 1993) começa a colaborar com cursos de história da arte e técnicas artísticas, formando toda uma geração. De acordo com a pesquisadora, o Brasil também investiu fortemente na comunicação de massas, com programas de rádio, televisão e matérias nos principais jornais paraguaios. Não se pode comprovar que houve alguma relação desses ensaios de Plá com o investimento da Embaixada do Brasil no país, mas há alguns indícios, apresentados em estudos anteriores (PEREIRA RODRIGUES, 2018), como o fato de a principal referência de Plá para elaboração de sua crítica, a primeira edição do livro *Poesía brasileña contemporánea*, de Gastón Figueira<sup>15</sup> (Montevideo, 1905 – 1999), estar em sua biblioteca com o carimbo do Centro de Estudos Brasileiros, pertencente à Embaixada do Brasil no Paraguai. O que se sabe com certeza é que Josefina Plá viveu de sua pluma e que nos anos 1950 já era uma autoridade na crítica de literatura e de arte, com certeza um nome de peso para qualquer política de investimento em difusão cultural.

Assim, os textos de Plá sobre literatura brasileira têm o objetivo de dar a conhecer a literatura do país oferecendo um grande número de autores e

---

<sup>14</sup> “De ese enorme volúmen lírico, que no lo es solo en sus dimensiones materiales, sino también en sus valores humanos y estéticos, solo una parte relativamente pequeña es conocida en el exterior. Tomemos por ejemplo al Paraguay. Fuera el ensayo de aproximación que con sus traducciones, tan finas, hizo de Olavo Bilac el delicado poeta Alejandro Guanes, ¿qué se ha hecho en los últimos treinta años por acercarse a ese gran hecho espiritual que es la poesía brasileña?”.

<sup>15</sup> Foi um poeta uruguaio bastante importante para as relações culturais entre Brasil e América hispânica. Fez várias traduções e coletâneas de literatura brasileira para o público hispânico e de literatura em língua espanhola para o Brasil. Além de *Poesía brasileña contemporánea*, reeditado e atualizado em 1968, destaca-se *A poesía contemporánea da América espanhola* (1958).

obras, sem desvinculá-los de seu contexto. A autora faz uma abordagem diacrônica, partindo primeiro de Gilberto Freyre para estabelecer as singularidades do Brasil, mas mantendo uma linha cronológica do romantismo até seus contemporâneos. A lista de autores citados e analisados por Plá é bastante ampla, entre eles estão: Jorge de Lima, Rosalina Coelho Lisboa, Lídia Besouchet, Newton Freitas, Gilberto Freyre, Machado de Assis, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Manuel Antônio de Almeida, Euclides da Cunha, Aluísio Azevedo, Érico Veríssimo, Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, Gilka Machado, Júlia Lopes de Almeida, José de Alencar, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, entre outros.

Observa-se que nos dois textos em que menciona Gilberto Freyre, Plá analisa o contexto latino-americano com uma perspectiva crítica dos processos de colonização. Abordando principalmente a mestiçagem, ela desmistifica a ideia de europeu como raça pura e, embora pareça minimizar a violência da colonização e da escravidão, valoriza a figura do negro e do indígena, já que seu objetivo nesse momento, à luz das teorias da época, parece ser reivindicar a figura do mestiço como fundamental para o desenvolvimento cultural do Brasil e, conseqüentemente, de toda Ibero-américa, o que está diretamente ligado com a estética da autora:

O Brasil é o único país, quantitativamente falando, em que se realiza a conjunção tripla das raças indígena, negra e branca. O que não é segredo para ninguém: são fatos históricos desenvolvidos sob o olhar do mundo. Mas olhar –disseram os pintores, poetas e psicólogos – não é ver. E havia e há de ver o que esse fato, trivial, observado de cima e de passagem, significa de verdade para o Brasil e, por tanto, para a Humanidade.

Essa característica brasileira é explicação e cifra de um gênio nacional, que já encontra sua síntese na literatura e na arte ... (PLÁ, 1952b, tradução minha)<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> “Es pues este país [o Brasil] el único, cuantitativamente hablando, en que se realiza la conjunción triple de las razas india, negra y blanca. Lo cual para nadie es un secreto: son hechos históricos desarrollados a la mirada del mundo. Pero mirar –lo han dicho los pintores, poetas y psicólogos – no es ver. Y había y hay que ver lo que ese hecho, trivial a fuerza de sabido, mirado por encima y de paso, significa en realidad para el Brasil y, por ende, para la Humanidad. Esta característica brasileña, explicación y cifra de un genio nacional, que encuentra ya su síntesis en la literatura y en el arte”.



A valorização do popular e indígena é importante na obra de Plá e, em trabalho anterior (2018), já analisei os ensaios sobre Freyre como um marco importante para justificar e estabelecer o marco ideológico e metodológico da estética da autora. Hoje em dia, há um consenso sobre a obra de Freyre ser racista ao minimizar os conflitos e defender o apagamento das diferenças culturais através da homogeneização<sup>17</sup>. Mas, naquele momento, o que Josefina destaca como valor do autor é justamente o fato de Freyre, em oposição a outros autores, ver a mestiçagem como algo positivo, e não negativo, para a cultura brasileira. Plá trabalha incansavelmente para valorizar a mescla cultural no Paraguai, sua análise do *ñanduti* paraguaio, por exemplo, destaca o caráter mestiço do artesanato: de origem canária, mas com desenvolvimento na cultura popular paraguaia. Sua análise de Freyre parece ir nessa direção.

Também são significativas as considerações sobre modernidade e contemporaneidade<sup>18</sup>. Plá afirma:

Esta é a época em que o velho conflito, antigo como a humanidade, entre indivíduo e massa marcha em direção a uma crise universal. Nunca a personalidade humana clamou mais alto por seus direitos, resumidos na sua compreensão em profundidade (...). Nunca a tendência em plasmar a individualidade, analisando em um dominador comum político, econômico ou social – ou as três coisas juntas – adquiriu tão trágica intensidade. Trágica porque é consciente. Tão consciente quanto a correlativa reivindicação que o indivíduo faz de seu subconsciente (PLÁ, 1952<sup>a</sup>, tradução minha)<sup>19</sup>.

Em estudo de 2018 já observei que em vários ensaios, Plá demonstra sua simpatia pela consideração da dimensão psicológica do indivíduo. Assim, sua análise toca diversos campos. Por outro lado, embora a autora analise a literatura de um país, e nisso esteja contida a reprodução de uma ideia de nação, sua visão transcende o conceito de literatura nacional e coloca essa literatura em relação com o contexto internacional, muitas

---

<sup>17</sup> Não é objetivo deste trabalho dissertar sobre o racismo em Gilberto Freyre, para aprofundar os estudos sobre o tema sugiro ver FERREIRA DA SILVA, 2006.

<sup>18</sup> Foge ao escopo deste trabalho entrar em questões teóricas sobre os conceitos de modernidade e contemporaneidade, mas se destaca que Josefina Plá se preocupa com essas questões, o que não podia ser diferente já que ela impulsiona os movimentos renovadores na literatura e nas artes do Paraguai.

<sup>19</sup> “La época que marcha a crisis universal el viejo conflicto, antiguo como la humanidad, entre individuo y masa. Nunca la personalidad humana clamó más alto sus derechos, resumidos en su comprensión en profundidad (...) Nunca la tendencia en plasmar la individualidad amasándolo en un dominador común político, económico o social –o las tres cosas juntas– adquirió tan trágica intensidad. Trágica porque es consciente. Tan consciente como la correlativa reivindicación que el individuo hace de su subconsciente”.

vezes comparando com outros autores do âmbito global, como por exemplo Rilke, Byron, Quevedo, Góngora, Victor Hugo, Baudelaire; Rubén Darío, que compara com Machado de Assis, colocando este como precursor do autor nicaraguense. Ao falar de Parnasianismo, a autora hispano-paraguaia destaca as traduções que Alejandro Guanes fez de Olavo Bilac, e compara o poeta brasileiro aos franceses Leconte de Lisle, Gautier, Heredia e Coppée. Também afirma que Raimundo Correia é o poeta brasileiro que mais se aproximou de Baudelaire, para citar alguns exemplos. Essa perspectiva comparatista de Plá pode ser explicada pela sua própria condição de estrangeira analisando literatura brasileira fora de seu contexto, além das barreiras nacionais, e demonstra seu vasto conhecimento literário, já que não se limita à literatura europeia ou latino-americana, mas também a autores como Rabindranath Tagore e Kahlil Gibran.

De modo, na análise de Plá não só são identificados autores e obras, mas também existe a intenção de contextualização e explicação das manifestações literárias do Brasil, sempre em comparação com um contexto mais amplo. Especial atenção da autora recebem os autores modernistas, o que é de se esperar, já que ela é quem lidera a modernização das artes e da literatura no Paraguai. Sua preferência por esse tema é plenamente justificável através de sua própria produção artística e literária, conforme veremos a seguir.

#### **4 Josefina Plá e o modernismo brasileiro**

Ao refletir sobre as vanguardas brasileiras, Josefina Plá nos dá pistas para entender melhor sua própria produção literária e conseqüentemente a modernidade na literatura paraguaia. Isto porque, conforme afirma Oviedo: “ao refletir sobre um assunto e ao fazê-lo sua proposta, o ensaísta questiona a si próprio fazendo do ensaio um duplo veículo de especulação”

(OVIEDO, 1991, p.15, tradução minha)<sup>20</sup>. Assim, parece haver algum esclarecimento sobre as escolhas do modernismo paraguaio quando Plá opina sobre o modernismo brasileiro de uma forma tão contundente como a seguinte:

Como sucede em quase todo movimento como este, mais ou menos extenso, de renovação e superação das formas artísticas, no modernismo brasileiro houve muitos chamados e poucos escolhidos. O amor à novidade, consubstancial da juventude, o anarquismo intelectual, quando não a iconoclastia própria dos verdes anos, o exibicionismo, se envolviam em torno do novo decálogo e deram como resultado um grande volume de produção, a maior parte da qual constituía poesia morta não nascida, essa poesia que em todo movimento renovador capta o extremo, os relevos formais, sem captar o batimento placentário de profunda urgência humana e social, que obedece e determina a transmutação da forma. O inevitável bagaço de toda safra literária (PLÁ, 1952d, tradução minha)<sup>21</sup>.

A arte de Josefina Plá, assim como sua produção crítica, sempre esteve muito comprometida com essa “urgência humana” e, ao observar o conjunto de sua obra, verificamos essa característica não só em seus poemas e contos, mas também em seus textos de crítica social, literária e de arte. Plá percebeu o que considerou os excessos das vanguardas e soube extrair desses movimentos somente o que lhe interessava, sem que o discurso em prol da liberdade terminasse sendo coercivo. Em 1952, ela questiona as manifestações extremistas como um paradoxo da liberdade de criação: “Reclamavam muitas coisas que certamente eram direito do poeta. Mas automaticamente se negaram outras, com o que a liberdade ficava condicional de novo. O movimento, então, ao se tornar pragmático, limitou a liberdade que tanto tinha propugnado” (PLÁ, 1952d, tradução minha)<sup>22</sup>. Conforme já afirmei em pesquisa anterior já mencionada, é uma atitude que os poetas brasileiros, em anos posteriores à Semana de Arte

---

<sup>20</sup> “al reflexionar sobre un tema y al hacerlo su propuesta, el ensayista se cuestiona a sí mismo haciendo del ensayo un vehículo doble de especulación”

<sup>21</sup> “Como sucede en casi todo movimiento como este, más o menos extenso, de novación y superación de formas artísticas, en el modernismo brasileño hubo muchos llamados, pero pocos escogidos. El amor de la novedad, consustancial a la juventud, el anarquismo intelectual, cuando no la iconoclastia propia de los verdes años, el exhibicionismo, se arremolinaban en torno del nuevo decálogo y dieron como resultado un gran volumen de producción, la mayor parte del cual lo constituía poesía muerta nonata, esa poesía que en todo movimiento novador capta lo extremo, los relieves formales, sin captar el latido placentario de profunda urgencia humana y social a que obedece y que determina la trasmutación de la forma. El inevitable bagazo de toda zafra literaria”.

<sup>22</sup> “Reclamaban muchas cosas que eran, ciertamente, derecho del poeta. Pero automáticamente se negaron otras, con lo cual la libertad se volvía condicional otra vez. El movimiento, pues, tornándose pragmático, limitó la libertad que tanto había propugnado”

Moderna, também tiveram, como Mário de Andrade em sua fase pós-modernista de poemas como “Peregrinação”, por exemplo, mas que Plá pode apreender com maior distanciamento, assimilando o novo de forma mais crítica e consciente. Lembremos com a crítica literária e professora da Universidade de São Paulo, Leyla Perrone-Moisés que “a crítica dos escritores não visa simplesmente auxiliar a orientar o leitor, mas visa principalmente estabelecer critérios para nortear uma ação: sua própria escrita, presente e imediatamente futura. Nesse sentido é uma crítica que confirma e cria valores” (1998, p.11), desse modo, a crítica de Josefina Plá sobre literatura brasileira não só colabora para o entendimento de como a literatura brasileira foi conhecida no Paraguai e se como se estabeleceram relações culturais entre nossos países, mas também para entender a própria história da literatura paraguaia, já que “o que leva a literatura a prosseguir sua história não são as leituras anônimas e tácitas (...) mas as leituras ativas daqueles que as prolongarão, por escrito, em novas obras” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.13).

Além de elucidar as escolhas do processo de modernidade da literatura paraguaia, os textos sobre o Brasil possibilitam pensar as relações literárias entre Paraguai e Brasil e a recepção das obras nos respectivos países. É o que veremos na seção seguinte ao pensar em Josefina Plá como tradutora.

## **5 Josefina Plá: tradutora de poesia brasileira no Paraguai**

Além de artista plástica, poeta, ensaísta, crítica de arte e de literatura, historiadora entre outras atividades, Josefina Plá também foi tradutora, ainda que mais esporadicamente. Como professora de teatro traduziu e adaptou várias obras de Shakespeare para seus alunos. Além disso, traduziu do francês o volume de poesia *Sillages* da poeta franco-paraguaia Renée

Checa<sup>23</sup>, publicado sob o título de *Estelas* em 1985 e reeditado pelo Consulado francês em Assunção em 2019. Analisar os questionamentos de Plá sobre o ato tradutório também é uma linha interessante e profícua de estudos.

A escritora afirma em uma de seus ensaios que tradução é afinidade, o que reforça a análise anterior, mas, além disso, seus ensaios sobre poesia brasileira são relevantes tanto para verificar a prática de tradução de Plá quanto para pensar a crítica de tradução. A espanhola Olga Castro (2009), crítica feminista de tradução, discorre sobre as relações entre feminismos e tradução e o estabelecimento dos Estudos da Tradução Feminista. A autora enfatiza quatro planos de interação entre feminismos e estudos de tradução: plano prático, plano conceitual, plano historiográfico e plano crítico.

No plano historiográfico podemos pensar na revisão da história da literatura que a crítica feminista vem fazendo ao resgatar mulheres escritoras que ficaram fora do cânone. Assim, traduzir os textos de Josefina e incluí-la entre os ensaístas latino-americanos que promoveram o diálogo entre Brasil e Hispano-américa por si já nos coloca no âmbito dos estudos da tradução feminista, porque “a partir da tradução também se pode contribuir para transformar o cânone literário contemporâneo, optando abertamente por uma recuperação dos trabalhos de autoras silenciadas, o que por sua vez enriqueceria sumamente o campo da literatura” (CASTRO, 2009, p. 72, tradução minha)<sup>24</sup>. Josefina Plá é uma figura importante na literatura paraguaia, mas pouco conhecida no Brasil. É até possível que se conheçam figuras masculinas menos importantes de outros países ou mesmo do Paraguai antes de se deparar com Josefina Plá. No entanto, não se trata somente da revisão da historiografia literária, mas também da historiografia da tradução. O que se sabe sobre estudos de tradução no

---

<sup>23</sup> Nascida em Assunção em 1896, foi morar na França com seus pais ainda criança. Aos 20 anos voltou ao Paraguai e posteriormente foi viver na Espanha, onde manteve amizade com Antonio Machado e Eugenio D'Ors. Seu livro foi muito bem recebido pela crítica francesa, mas só foi conhecido no Paraguai na década de 1950 com a tradução de Josefina Plá.

<sup>24</sup> “Desde la traducción se puede también contribuir a transformar el canon literario contemporáneo, optando abiertamente por una recuperación de los trabajos de estas autoras silenciadas, lo que a su vez enriquecería sumamente el campo de la traducción”

Paraguai? É um campo de estudos pouco frequentado mesmo dentro do país. Também podemos pensar na história da tradução de literatura brasileira para o espanhol. Josefina Plá nos ajuda a recuperar alguns tradutores de poesia brasileira no âmbito hispânico: ela menciona as traduções que o poeta paraguaio Alejandro Guanes fez de Olavo Bilac no livro *De paso por la vida* (1936); a seleção de poesia brasileira feita por Gastón Figuera no Uruguai em *Poesía brasileña contemporánea* (1947) e da poesia de Cecília Meireles em *Antología poética*<sup>25</sup> (1946); o livro *Tres poetas brasileños* (1950) publicado na Espanha pelos organizadores e tradutores Leônidas Sobrino Porto, Vicente Sobrino Porto e Pilar Vázquez Cuesta, além de citar o trabalho de Lídia Besouchet e Newton Freitas, divulgadores de literatura brasileira durante seu período de exílio na Argentina.

Além da recuperação de autoras e tradutoras ignoradas, Castro também menciona dentro do plano historiográfico a recuperação de metatextos (notas de pé de página, comentários, introduções, dedicatórias, cartas, etc.) como importantes para reescrever a história dos estudos de tradução (ET): “uma atitude (auto) crítica dos ET deveria conduzir a uma recuperação desses materiais e meta-textos que darão a conhecer a intervenção dessas mulheres nos movimentos culturais e intelectuais de sua época e sua forma de enfrentar a opressão patriarcal” (CASTRO, 2009, p.71, tradução minha)<sup>26</sup>. Nesse aspecto os textos de Plá são indispensáveis para pensar também os planos conceitual e prático. Nas observações da autora sobre a poesia do Brasil estão também suas concepções sobre tradução, principalmente no texto “El Brasil y sus poetas IV”. A autora inicia fazendo uma observação muito similar à famosa máxima de Saramago que diz que os autores fazem a literatura nacional e os tradutores a literatura universal, afirmando que “a tradução é a fatalidade da poesia que transcende, daquela que reúne os valores suficientes como para interessar

---

<sup>25</sup> Este foi o primeiro volume de uma série de publicações que se intitulou *Poesía de América*.

<sup>26</sup> “una actitud (auto) crítica de los ET debería conducir a la recuperación de estos materiales y metatextos que darán a conocer la intervención de esas mujeres en los movimientos culturales e intelectuales de su época y su forma de enfrentarse la opresión patriarcal”.

ao ser humano em geral. Se há de ser conhecida, há de ser traduzida” (PLÁ, 1952e, tradução minha)<sup>27</sup>. A partir disso, Plá discorre sobre as possíveis perdas no processo de tradução usando metáforas da matemática e da biologia. Olga Castro, ao mencionar o plano conceitual dos estudos de tradução feminista lembra, citando Lori Chamberlain, que o processo de tradução sempre se prestou a ser metaforizado e que ao longo dos anos as metáforas de tradução foram baseadas em concepções misóginas dos papéis de gênero. Para os estudos feministas de tradução (CASTRO, 2009; GODAYOL, 1998; CHAMBERLAIN, 1992), uma autocrítica dos estudos da tradução deve também repensar suas metáforas e repensá-las a partir de uma perspectiva feminista. As metáforas de Plá representam uma colaboração importante nesse sentido:

E a tradução mais exata e fiel é ao mesmo tempo a assíntota do poema original, porque não há vocábulo e menos ainda um conceito ou imagem que possuam a mesma carga ideológica-emocional em dois idiomas. O Dom Quixote já afirmou em seu momento de maior cordura: a melhor tradução é como o avesso de um belo tapete. Isso é verdadeiro tanto para a prosa quanto para o verso. Mas, naturalmente, a prosa suporta muito mais a operação. (PLÁ, 1952e, tradução minha)<sup>28</sup>.

Em geometria, a assíntota é uma reta cuja curva tende infinitamente a alcançar um ponto  $x$ , mas nunca o alcança. Na perspectiva de Plá, a própria palavra é uma assíntota da ideia e, portanto, é natural que haja divergências entre original e tradução, já que não existe a mesma carga ideológica e emocional entre línguas, nem mesmo entre palavras e ideias e palavras. Que melhor metáfora para a tradução? Como se não bastasse, Josefina ainda acrescenta imagens visuais: a do avesso de um tapete, exibido muitas vezes como obra de arte na contemporaneidade, e também as metáforas da centopeia e da borboleta para ilustrar que é mais fácil traduzir prosa que traduzir poesia:

A prosa – me perdoe o leitor a comparação caminhante – é como uma centopeia: por mais desengonçada que fique, sempre lhe

---

<sup>27</sup> “la traducción es la fatalidad de la poesía trascendente, de aquella que reúne valores suficientes como para interesar al hombre en general. Si ha de ser conocida ha de ser traducida”.

<sup>28</sup> “Y la traducción más exacta y fiel es a la vez a asíntota del poema original, porque no hay vocablo y menos aún concepto o imagen que posean en dos idiomas la misma carga ideomocional. Ya lo dijo D. Quijote en un momento de lo más cuerdo: La mejor traducción es como el revés de una bella alfombra. Eso es verdad para la prosa como para el verso. Pero la prosa, naturalmente, soporta mucho más la operación.”

sobram alguns pés para caminhar. Já a poesia tem somente as duas asas habituais de todo inseto que voa e basta se machucar para que não possa mais se restabelecer. A poesia perde na tradução o melhor de sua essência. Isso sabem os grandes poetas que traduziram outros grandes poetas. Ninguém melhor que eles para saber o que significa traduzir (PLÁ, 1952e, tradução minha)<sup>29</sup>.

Uma centopeia continua caminhando mesmo com a ausência de algumas de suas patas, mas os insetos voadores deixam de voar (e morrem) ao ter suas asas cortadas. Além de ser uma imagem visual bastante ilustrativa, além de ser poética, Josefina pensa a tradução para além de relações de poder mencionadas por Castro como características dos Estudos da Tradução. Josefina destaca que a necessidade de metatextos decorre daquilo que se perde ao traduzir, valores musicais, expressivos, que para a autora escapam entre as mãos do tradutor deixando o pozinho da asa nas polpas dos dedos. E, no entanto, para a escritora isso é inevitável, e o ideal então é que a poesia seja traduzida por poetas que sejam liricamente próximos e que possuam afinidade poética com o autor original. É nesse momento que podemos pensar a prática de tradução de Plá. Seria ela liricamente próxima aos poemas traduzidos durante a série? Toda sua argumentação parece levar à conclusão de que sim.

Nesse sentido, os poetas mais “liricamente próximos”, ou os mais traduzidos por Josefina são Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade. São muitos os poetas mencionados, mas nem todos são analisados e traduzidos, alguns dos traduzidos são citados por traduções do uruguaio Gastón Figueira, como Mário de Andrade e Gilka Machado; ou dos espanhóis, Pilar Vázquez Cuesta, Vicente e Leônidas Sobrino Porto como Augusto Frederico Schmidt. Caberia a dúvida se Plá considerou as traduções suficientemente boas para não precisar traduzir, ou se ela não é tão afim assim a esses poetas para dedicar-se a essa tarefa.

---

<sup>29</sup> “La prosa —perdone el lector la comparación pedestre—, es como el ciempiés: por maltrecho que quede siempre le resta algunos pies para caminar. Pero la poesía no. La poesía tiene solamente las dos alas habituales de todo bicho que vuela y basta lastimarse una para que no pueda remontarse. La poesía pierde en el trasvasamiento lo mejor de su esencia. Lo saben los grandes poetas que han traducido grandes poetas. Nadie mejor que ellos para saber lo que traducir significa”.



Mas Bandeira e Meireles parecem ser os poetas preferidos da nossa crítica paraguaia. Enquanto dos demais poetas ela cita um poema, um fragmento de poema, ou máximo dois poemas, de Bandeira e Meireles ela apresenta três poemas, além de alguns fragmentos. O que Josefina mais destaca da poesia de Bandeira é sua expressividade, que se caracteriza pela ternura, a crueldade, a doçura, o cinismo, pela coragem de ser íntima, os poemas selecionados para exemplificar sua análise são Poética, O exemplo das rosas e Versos de Natal. Desse último é interessante observar a adaptação ao contexto cultural paraguaio, já que na tradição popular do país vizinho é no Dia de Reis, e não no Natal, que as crianças colocam seus sapatos (junto com água e feno para os camelos) para esperar os presentes dos Reis Magos:

Versos de Reyes  
Espejo, amigo verdadero  
Tu reflejas mis arrugas mis cabellos blancos,  
mis ojos miopes y cansados.  
Espejo, amigo verdadero,  
maestro del realismo exacto y minucioso.  
Muchas gracias. Muchas gracias.  
Pero si fueses mágico  
Penetrarías hasta el fondo de este hombre triste,  
descubrirías al niño que no quiere morir,  
que no morirá sino conmigo,  
el niño que todos los años la víspera de Reyes  
piensa aún en poner sus zapatitos detrás de la puerta  
(PLÁ, 1952f).

De Cecília Meireles os poemas traduzidos são Andrógino, Se eu fosse apenas uma rosa e Apresentação. Considerada por Josefina como uma das mais profundas e puras vozes poéticas do continente, Cecília Meireles é valorizada por sua variedade de temas e pelo que a ensaísta caracteriza como a presença de uma expressão diáfana que se projeta em alcance subjetivo, como mistério feminino que reúne todas as possibilidades, da mais terna à mais aterradora. Das traduções de Cecília que Plá realiza destaco a de Andrógino:

Son su rostro y su cuerpo  
de dudosa paloma:  
la un ala de luz  
la otra ala de sombra.  
  
sus ojos son balanza

todavía oscilante,  
entre lo que hombre pesa  
y lo que Dios demande.

Vive como en el sueño,  
como antes de nacido,  
cunado al par vida y  
muerte tenían las consigo.

Pues su cuerpo de ángel ostenta,  
impuro y casto  
la mano de la gloria  
la mano del pecado.

Une cielo e infierno.  
Une a Dios y al Demonio,  
Y entre Adán y Eva  
buscando va su nombre...  
(PLÁ, 1952g).

Ainda seria possível analisar outros aspectos da faceta de tradutora e crítica literária de Josefina Plá, a qual demonstra consciência sobre seu estar no mundo, como “indivíduo pertencente a uma massa”, além de grande erudição. Seus vinte e cinco textos sobre literatura brasileira, dos quais ofereci um breve panorama enfatizando a sua análise de poesia, não só apresentam uma análise significativa e quantitativa da literatura do país, mas também demonstram como Josefina se posiciona em relação aos grandes temas do seu tempo (e de todos os tempos) como a contemporaneidade, a modernidade, a colonização, a mestiçagem, o compromisso da arte e da literatura, a tradução.

## 6 Referências

BENSE, Max. **Sobre el ensayo y su prosa**. México: Universidad Autónoma de México, 2004. (Tradução Martha Piña).

CASTRO, Olga. **(Re)examinando horizontes en los estudios feministas de traducción: ¿hacia una tercera ola?** España: MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación, n. 1, 59-86. 2009  
<https://doi.org/10.6035/MonTI.2009.1.3>

CHACON, Vamireh. **O Brasil e o ensaio hispano-americano**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

CHAMBERLAIN, Lori. "Gender and the Metaphorics of Translation". In: VENUTI, Lawrence (ed.) **Rethinking Translation. Discourse, Subjectivity, Ideology**. Londres & Nueva York: Routledge, 1992. pp. 57-74.

FERREIRA DA SILVA, Denise. "À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo". **Revista de estudos feministas**; v.14 n.1. jan. /abr., 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100005>. Acesso em 11 set. 2022.

GODAYOL, Pilar. "Interviewing Carol Maier: a woman in translation". In: **Quaderns. Revista de traducció 2**, 1998. pp. 155-162. Disponível em [http://dspace.uvic.cat/xmlui/bitstream/handle/10854/3105/artconlli\\_a1998\\_godayol\\_pilar\\_interviewing\\_carol\\_maier.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://dspace.uvic.cat/xmlui/bitstream/handle/10854/3105/artconlli_a1998_godayol_pilar_interviewing_carol_maier.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 25 mar. 2022.

NEPOMUCENO, Maria Margarida Cintra. **Livio Abramo no Paraguai: entretecendo culturas**. Orientadora: Dilma de Melo Silva. 2010. 276f. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Integração da América Latina. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-18122012-105632/pt-br.php>. Acesso em 20 nov. 2021.

OVIEDO, José Miguel. **Breve historia del ensayo hispanoamericano**. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira**. Orientadora: Raquel Ilescas Buenos. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em 12 oct. 2021.

PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **La imposible ausente: Biografía de Josefina Plá**. Fundação Maria Paula de Ruíz Martínez, OEI e Fundação Biblioteca Virtual Cervantes. Buenos Aires, 2020. Disponível em <https://www.cervantesvirtual.com/obra/la-imposible-ausente-biografia-de-josefina-pla-1051600/>. Acesso 2 set. 2022.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROA BASTOS, Augusto. "Sobre el sentido ascético de la poesía nueva" (1946). In: ROA BASTOS, Augusto. **Poesías reunidas**. Edición de Miguel Ángel Fernández Argüello. El Lector: Assunção, 1998.

### **Obras de Josefina Plá**

PLÁ, Josefina. Interpretando al Brasil. Brasil y sus poetas 1. **La Tribuna**. Assunção, 29 jun. 1952a. In: PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira**. Orientadora: Raquel Ilescas Buenos. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação

em Letras. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018. p. 146-148 Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em: 2 set. 2022.

PLÁ, Josefina. Interpretando al Brasil: Brasil avanzada y esperanza 1. **La Tribuna**. Assunção, 16 jun. 1952b. *In*: PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá**: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira. Orientadora: Raquel Ilescas Buenos. Dissertação (mestrado). Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018. p.133-138. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em: 2 set. 2022.

PLÁ, Josefina. Interpretando al Brasil. Brasil y sus poetas 3. **La Tribuna**. Assunção, 13 jul. 1952c. *In*: PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá**: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira. Orientadora: Raquel Ilescas Buenos. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018. p. 158-161. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em: 2 set. 2022.

PLÁ, Josefina. Interpretando al Brasil. Brasil y sus poetas 8. **La Tribuna**. Assunção, 16 ago. 1952d. *In*: PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá**: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira. Orientadora: Raquel Ilescas Buenos. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018. p. 179-183. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em: 2 set. 2022.

PLÁ, Josefina. Interpretando al Brasil. La poesía brasileña 4. **La Tribuna**. Assunção, 21 jul. 1952e. *In*: PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá**: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira. Orientadora: Raquel Ilescas Buenos. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018. p.162-165. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em: 2 set. 2022.

PLÁ, Josefina. Interpretando al Brasil. Poetas brasileños 5. **La Tribuna**. Assunção, 21 jul 1952f. *In*: PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá**: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira. Orientadora: Raquel Ilescas Buenos. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018. p. 167-169. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em: 2 set. 2022.

PLÁ, Josefina. Interpretando al Brasil. Poetas brasileños 6. **La tribuna**. Assunção, 3 de agosto de 1952g. *In*: PEREIRA RODRIGUES, Daiane. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá**: recuperação de ensaios sobre literatura brasileira. Orientadora: Raquel Ilescas Buenos. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018. p.170-143. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em: 2 set. 2022.